

SITUAÇÃO DE ARTE EM PORTUGAL

“...a natureza da arte não se reduz à estética e muito menos ao esteticismo: ela envolve, mais profundamente, uma vasta e complexa problemática humana”.

(Vergílio Ferreira)

Nelly Novaes Coelho

Ao responder um dos itens do inquérito de arte, recentemente realizado em Portugal, essas palavras de Vergílio Ferreira apontam claramente para a origem da obsessiva preocupação de nossos tempos com o fenômeno artístico. Não há dúvida de que, clara ou obscuramente, o homem de hoje tomou consciência de que a arte é a expressão mais autêntica do seu ser... Daí êsse debruçar-se ansiosamente sobre êla e êsse perscrutá-la fundo, buscando ali descobrir as respostas que em si mesmo (ou no mundo que o cerca), êle não consegue encontrar, porque ambos estão em crise. Uma crise, cuja mais clara denúncia é, pois, a complexa diversificação da arte em nosso século.

Atônito, o homem vem assistindo, desde as primeiras décadas, a mudança acelerada dos valores do mundo artístico e como o ritmo da metamorfose social não está conseguindo acompanhar o da metamorfose artística, o resultado é essa quebra de “sintonia” entre o público e a arte, entre o homem e a linguagem que o expressa no plano estético. Os movimentos artísticos surgem e desaparecem como meteoros, outros os substituem imediatamente, e o leitor de literatura, o espectador da pintura ou do teatro ou o ouvinte da música vêm-se arrancados dos quadros habituais de sua realidade e obrigados a se acomodarem a novas e insólitas dimensões que por estranhas e desnorteadoras são, obviamente, repudiadas.

Entretanto repudiá-las de nada adianta... as novas formas aí estão contrastantes e gritantes entre sim existem... Faz-se, pois, necessário tentar compreendê-las... para assim, em última análise, chegarmos a compreender o que se passa conosco.

É nessa linha de experiência que classificamos o volume recentemente lançado em Lisboa, pela Publicações Europa-América, *Situação da Arte* (Inquérito junto de artistas e intelectuais portugueses).

Resultante de um esquema inteligentemente estruturado por Eduarda Dionísio, Almeida Faria e Luis Salgado de Matos, *Situação da Arte* não é apenas mais um volume que engloba depoimento e tesmunchos, mas é, acima de tudo, um panorama coesamente traçado da atual problemática da arte no Portugal contemporâneo, uma problemática relacionada não só com a tradição da arte européia, como também com a conjuntura social que direta ou indiretamente a determina.

Procurando objetivamente “verificar nas próprias fontes — os artistas e os críticos — em que medida se repercutem em Portugal as novas correntes da arte”, o presente inquérito foi distribuído a 178 pessoas (das quais apenas 73 responderam), abrangendo romancistas, críticos, poetas, sociólogos, artistas plásticos, músicos, dramaturgos, cineastas, arquitetos, atores e encenadores. . . todos êles convocados a dar o seu testemunho, respondendo a mais de uma dezena de questões articuladas de tal maneira que as digressões inúteis (tão comuns em inquéritos desta natureza. . .) foram, se não evitadas, pelo menos reduzidas ao mínimo.

Simultaneamente “teórico e prático, sociológico e estético”, o inquérito (como não podia deixar de ser) versa sôbre os problemas que cada época voltam à tona e cujas respostas, a nosso ver, valem muito mais pelo seu caráter revelador do homem daquele momento, do que pelas soluções que possam oferecer, (pois a verdade é que nenhuma solução é definitiva. . .)

Para o público brasileiro, tão carente de contacto com a cultura portuguesa contemporânea (embora a recíproca não seja verdadeira. . .), a leitura desta coletânea de depoimentos reveste-se da maior importância. . . pois equivale a um diálogo vivo e objetivo entabulado com quase uma centena de intelectuais e artistas portugueses), extremamente valioso pelo que nos revela da vivência cultural que fermenta no Portugal de hoje.

Pela seleção das questões pode-se já avaliar dos critérios que nortearam esta iniciativa. O que é a arte? Qual a função, os limites, a forma de influência, a natureza da arte? Quais os problemas que a criação artística lhe põe? Os artistas “sabem” o que “fazem” ou “não sabem, mas fazem”? Qual a importância, na sua poesia, do próprio ato de escrever?

Acha que o processo criador da pintura e da escultura é fundamentalmente diferente? Qual a parte que tem o público na sua atividade artística, Qual a importância da crítica na atividade artística? Acha que o criador se está a tornar cada vez mais crítico e o crítico cada vez mais criador? Um filme é primeiro uma série de imagens, uma idéia, um argumento ou um capitalista? Se tivesse de escolher entre o improvisado de Eisenstein e a planificação rígida de um Pudovkin, qual preferia? Pinta de um jato? Parte de uma composição geral ou parte do pormenor para a elaboração do quadro? etc., etc.

Como vemos por essa “amostra”, o inquérito em questão desenvolveu-se através de indagações antigas e simultaneamente atualíssimas. Indagações que refletem fielmente as buscas em que está empenhada a arte contemporânea, a fim de conquistar a sua “linguagem” definitiva, isto é, aquêla “tipo de linguagem” (como a define Mário Dionísio, a certa altura) “com que o homem indaga e exprime realidades profundas, de si mesmo impossível de captar por outra forma”. (p. 43).

Enfim, manipulando matéria tão multifacetada, arriscou-se a presente coletânea, a tornar-se caótica à leitura, entretanto o que sente de imediato é que uma inteligente consciência didática presidiu à organização do material. Daí a facilidade com que o leitor (mesmo o desprevenido...) pode seguir todos os tópicos focalizados, sem perder-se nos meandros a que a complexidade do assunto e o grande número de depoimentos, inevitavelmente o arrastariam.

Desde a *apresentação introdutória*, argutamente desenvolvida por Eduarda Dionísio, até as conclusões finais, “Um Comentário”, passando pelos vários capítulos onde foram agrupadas as respostas afins (“Criação”, “Romance”, “Poesia”, “Teatro”, “Cinema”, etc.), o que se torna patente à leitura é que as indagações, respostas ou perplexidades ali registradas não decorrem de um condicionamento apenas estético ou técnico-expressivo, mas arraiga mais fundo: brota de uma problemática humana (como lembrou V. Ferreira), e procura encontrar o *sentido* que pode ter hoje a *arte* para um *homem em crise*.

Analise-se, a propósito, o depoimento esclarecedor de Rogério de Freitas ao responder: “Quando escreve um romance, acontece-lhe ser a sua Madame Bovary?” Diz êle:

“Que interesse poderá ter um romance (...), se o romancista não puser nêle um pouco da sua Madame Bovary? Que outros benefícios traria à literatura romanesca a sua obra se súbitamente êle subtraísse dela a sua própria con-

fissão? Não será essa a sua única e verdadeira forma de comunicar aos outros o seu estar no mundo, e talvez aquela que pode trazer ao leitor um pouco de descoberta sôbre o que êle é e sôbre os outros que o rodeiam? Essa *busca* incessante para um *maior conhecimento do homem*, que julgo ainda ser uma das *missões* do romancista, não terá ela sempre de ser feita através da Madame Bovary de cada um dêles, se quisermos continuar a ver algo de válido no romance para êsse conhecimento de que continuamos ávidos? (...) Ou será o romancista apenas um criador de beleza (...) E, no entanto, *dúvidas persistem* dentro de cada um de nós: em que *certezas* nos apoiamos? Será que, ao tentarmos a nossa Madame Bovary, estamos certos de nos conhecermos profundamente para que o nosso depoimento seja legítimo e profícuo?" (p. 124).

E suas reflexões indagativas prosseguem por mais meia dúzia de páginas, chegando afinal ao ponto crítico do fenômeno: a *nova fórmula* do romance e o que a condicionaria.

"É nela que temos de atentar, pois é ela que verdadeiramente está em causa. Êsse fosso que existe hoje entre uma literatura de ficção que há pouco ainda todos aceitávamos e que hoje não nos satisfaz, e essa outra que, *sem bem sabermos o que possa ser*, esperamos, é um fato". (p. 129).

O texto fala por si, dispensando comentários.

Como não compreendermos, pois, que essa *crise da forma* do romance é decorrência de uma *crise da vida*, tal como a coloca R. de Freitas na parte final de seu testemunho?

Embora apontemos para uma verdade à La Palice, não podemos deixar de realçar o sinal dos tempos que inspirou esta *Situação da Arte*: a dupla problemática que assalta o artista contemporâneo. De um lado a procura da *significação* da arte em face de uma *forma de existência* que se põe em questão; de outro, a indagação do *como* realizar essa arte, seja no sentido dos seus *limites*, de sua *técnica-expressiva*, ou no de seu *mistério criador*.

A verdade é que, para o artista contemporâneo, o "realizar a obra" já não está sendo suficiente, tornou-se-lhe imperativo o refletir acêrca do "como" o do "por que" de sua arte. Conforme Almeida Faria observa, no tópicó "Fazer e Saber", ao artista de hoje

"não basta *fazer*, parece necessário *explicar* o que faz: por que certa escultura é de ferro velho ou plástico, que "significa" determinado quadro abstrato, que razões há para modificar a pontuação e as regras da sintaxe, que sons estri-

dentes são êsses que saem de estranhas máquinas, eletrônicas chamadas? Porquê? ouvem-se perguntas (...) e os artistas respondem ou não. É sempre o tempo que por fim responde a última palavra. Será que, como disse um filósofo, os artistas, “não sabem, mas fazem?” (p. 53).

E no sentido dessas perplexas interrogações, foi mais uma vez dada a palavra àqueles que “fazem” a arte... Neste inquérito foram mais uma vez investigadas as raízes e o mistério do fenômeno criador... E é curioso notar, pelos testemunhos dados, que nem todos conseguem falar frontalmente acerca do seu processo criador, da sua problemática particular. A grande maioria (consciente ou inconscientemente?) conduz suas reflexões de maneira a evitar particularizações pessoais.

Embora todos os depoimentos evidenciem a consciência auto-crítica do autor e uma grande lucidez quanto à própria responsabilidade, dentro do contexto estético-cultural a que pertence, a verdade é que em grande parte dêles, sente-se como que uma barreira impedindo a revelação do seu mais íntimo.

Nesse sentido, observem-se, por exemplo, a natureza das respostas dadas a uma das questões mais objetivamente pessoas do inquérito: “Quais os problemas que a criação artística lhe põe? Qual a parte da razão e qual a parte da “inspiração” quando cria? De uma maneira geral, que se passa quando cria? ” (p. 20) Fazendo o levantamento estatístico, verificaremos que um dos cinquenta e dois inquéritos, apenas a metade dêles transpôs a fronteira do eu e falou de si mesmo. (Note-se ainda que nesta metade incluem-se tôdas as mulheres arguidas... nenhuma fugiu do testemunho direto).

Parece-nos curiosa esta verificação e também extremamente reveladora, não só do terreno *movediço* e *imponderável* em que se gera a arte, como também das *raízes* da crise da criação artística que marca o nosso século. Obviamente não estamos vendo naquela “escamoteação” (sem dúvida involuntária!) do testemunho direto, uma fuga à sinceridade ou apenas um compreensível pudor do artista em “desnudar-se”, (conforme definição de Nelson de Matos.). A nosso ver, isso reflete, talvez, um triplo condicionamento: de um lado a *crise das formas de existência* (frente a qual o homem mantém-se ainda perplexo, incerto e na expectativa); de outro, a “natureza obscura do ato de criação” (conforme a análise de Eugênio de Andrade); e de outro óbvia a *diferença dos temperamentos* e, conseqüentemente, dos tipos de reações frente a um mesmo estímulo.

Assim, enquanto um Nelson de Matos reage ao “desnudamento” em que a indagação implica, e diz: “o que se passa no ato de criação, nem nós próprios sabemos” (p. 80); um Ruben A. desvenda-se eufóricamente:

“Para mim, criar é o ato sincero de um diálogo comigo próprio, nas raízes, no tutano, na brincadeira, na comédia, na tragédia, no sempre da hora a hora, nas quarenta e oito horas do dia que tem séculos lá dentro, laboração contínua, anti-social sem horários, sem férias pagas, sem nada”. (p. 105).

Da mesma maneira, enquanto uma romancista, Natália Nunes, aceita a presença da “inspiração” e descreve-se arrebatada pelo êxtase da criação, como

“um ser possuído pela revelação deslumbrante de algo que surge imediatamente como verdadeiro, avassalador, invasor, dominador, imperativo, irrecusável e inegável”. (p. 78):

uma poetisa, Sophia Breyner Andresen, mantém-se atenta e vigilante, pois para ela

“o poema nasce de uma atenção que é um estado de lisura e transparência. Essa atenção é lúcida, sabe o que escolhe e sabe o que recusa, mede e pesa as palavras e as sílabas mas não deduz e não é discursiva”. (p. 85).

Embora, oscilantes entre a ascendência da “razão” ou da “inspiração” no processo criado (ou ainda tentando uma fusão dos dois elementos), os artistas consultados não divergem em um ponto: todos eles são concordes em que a *teorização* da arte deve surgir “a posteriori”, e não “a priori”, posição que de certa maneira exclui a arte planejada, programada, a arte-pesquisa que marca a totalidade da criação de vanguarda, em todos os setores artísticos.

Entretanto, quando a questão se coloca especificamente com a poesia, já não temos o mesmo resultado. Com relação ao fenômeno poético, o problema da criação é recolocado com maior objetividade e toca no ponto nevrálgico das discussões atuais: o papel da “construção” na poesia. “Concorda com Valéry quando êle diz que só o primeiro verso é dado, tudo o resto é construído? Qual a importância na sua poesia do próprio ato de escrever?” (Questões que, como vemos, completam as anteriormente mencionadas).

Confrontando as várias respostas, nota-se que, embora nem todos admitam frontalmente a necessidade absoluta da “construção” na criação pética (é portanto, um “a priori” teó-

rico a ser executado), a grande maioria (cf. especialmente os testemunhos de Antônio Ramos Rosa, Yvette Kace Centeno, Mário Dionísio Dias Ramos) demonstra nítida consciência de que poesia é *linguagem conquistada* e domada... uma consciência, portanto, muito distante da linha de tradição lírica, que aceitava a poesia como um fenômeno espontâneo de certos espíritos “iluminados”...

Nessa área, é no depoimento de Eugênio de Andrade que vamos encontrar a síntese da opinião da maioria. Diz êle:

“... os deuses sempre me concederam pouco. Cada poema é, em mim, uma conquista de palavra a palavra. A isto chamei *consciência artesanal*, a mesma com que meu avô podava as oliveiras. E seria um homem feliz se a música que me sai dos dedos me desse o mesmo calmo adormecer que êle tinha, uma vez concluído o seu trabalho: é que êle sabia (e eu só tenho dúvidas) que o vento e a chuva e o sol viriam completar o que as suas mãos haviam começado, e a Terra ficaria então mais habitável”. (p. 147)

É, pois, essa “consciência artesanal” unida às “dúvidas” (que obrigam a uma pesquisa árdua e ininterrupta), o *denominador comum* dos artistas contemporâneos, sintonizados com sua época e preocupados não só em “saber” o que “fazem”, mas também em “compreender” o *sentido* que tem sua obra. Ou melhor, em compreender o papel que êles mesmos devem desempenhar nesta “sociedade industrial”, onde até a arte parece compelida a se transformar em *produto de consumo*.

Numa conclusão final acêrca desse tópic (a vida cotidiana do homem comum do século XX, em face dos produtos de consumo que atraem sua atenção e em face de seu inegável afastamento da arte), os organizadores do inquérito sintetizam em três itens a totalidade das respostas:

- a. Muitos consideram que aos novos meios de comunicação corresponderá uma nova arte, cuja natureza não é posta em causa;
- b. Para outros, a única maneira de levar a arte à vida quotidiana é trazer o quotidiano à arte;
- c. Outros, por fim, supõem que o artista não pode, ou não deve, preocupar-se com o homem médio”. (p. 418).

Finalmente, parece-nos muito significativa e digna de reflexão, a melancólica síntese com que é encerrado o volume, pois ela nos dá medida de como a nova geração portuguesa (qui

falando pelas vozes de Eduardo Dionísio, Almeida Faria e Luís Salgado de Matos. . .) enfrenta e interpreta a realidade que recebeu como herança e que lhe cabe modificar, dentro do processo histórico a que pertence.

Eis, na íntegra, o depoimento final dos organizadores:

“Em que ponto estamos finalmente? Em que medida notam os artistas e críticos portugueses a existência das novas correntes artísticas e em que medida nelas participam? Qual a impressão que fornece a vida literária, artística e cultural portuguesa dos fins dos anos 60, quando nos preparamos para atacar o (ou para sermos atacados pelo) último quartel do milênio?

É difícil resumir, mas a termos de escolher uma palavra, essa seria *espera*. Com efeito, uma das poucas conclusões seguras que podemos tirar do inquérito realizado é esta: ultrapassaram-se as grandes e pequenas polémicas do passado (presencismo, neo-realismo, surrealismo, movimentos literário-políticos dos anos 50). Tudo está, pois, mais ou menos pacificado — e é muito significativo que apenas dois dos inqueridos tenham falado em “conteúdo” e “forma” (...); que ninguém escreva “para” o povo, que quase ninguém fale no *engagement* (para ser a favor ou contra) a propósito da natureza da arte ou de qualquer outro problema. O significado de muitos dos depoimentos está, sobretudo, no silêncio, no que não dizem, nos problemas que não levantam. Por vezes, surge uma sensação de mar morto, de marasmo intelectual, sobretudo se atendermos aos que não responderam, a todos os que muito provavelmente nunca lerão os depoimentos dos outros.

E não é brilhante o panorama das páginas literárias. Não há um jornal de arte e literatura. Em poesia, aparece pouca gente boa com livros bons. Quantos jornais e revistas têm uma crítica regular assegurada? Não há novos movimentos literários sérios. O estagnamento (industrial) do cinema quase do aparecimento desta arte entre nós. Os ultrapassados espetáculos de teatro sucedem-se rapidamente no cartaz ou mantêm com salas vazias. Também pouco se nota a influência (e colocar a questão em termos de influência é reconhecer desde logo uma incapacidade de base) das novas correntes criadoras e críticas que pululam por esse mundo de Cristo.

Não é, porém, a nós que cabe finalmente concluir — essa será a tarefa do público, da crítica, dos artistas.

Se isto acontecer, o inquérito estará justificado. Se não. . .”
(p. 149).

E aqui deixamos nossa pergunta final: Os lúcidos e argutos organizadores dêste inquérito ter-se-iam dado conta de que essa sintese (com que dão por encerrado o árduo e inteligente trabalho de sondagem que realizaram), poderia ser assinada por milhares de jovens artistas e intelectuais, em diferentes pontos do globo, que contemplam ao seu redor praticamente o mesmo desolador panorama? Claro sinal dos tempos. . . .